



HISTÓRIA DE FAMÍLIA: UM ENSAIO SOBRE *O ARROZ DE PALMA*, DE FRANCISCO AZEVEDO

FAMILY STORY: AN ESSAY ABOUT *ONCE UPON A TIME IN RIO*, BY
FRANCISCO AZEVEDO

Rafael Fava Belúzio*

* favabeluzio@yahoo.com.br
Pós-doutorando em Letras (CAPES e PPGL-UFES).

RESUMO: Durante a pandemia de Covid-19, minha família criou um grupo de leitura. E o livro coletivamente escolhido foi *O arroz de Palma*, de Francisco Azevedo. Assim, o presente ensaio mostra um pouco do que foi conversado nesses encontros. São apontados elementos como: a construção do narrador; a narrativa lírico-dramática; o *sermo humilis*; o modo como a obra trabalha legados cristãos feito a Trindade e São Francisco de Assis; o tema do imigrante; a família como tópica do romance brasileiro; e, sobretudo, o ensaio.

PALAVRAS-CHAVE: ensaio; *O arroz de Palma*; Francisco Azevedo; família; pandemia.

ABSTRACT: During the Covid-19 pandemic, my family created a reading group. And the book collectively chosen was *Once Upon a Time in Rio*, by Francisco Azevedo. Thus, the present essay shows what was discussed in these meetings. These elements are indicated: the construction of the narrator; the lyrical-dramatic narrative; the *sermo humilis*; the Christian tradition; the Trinity; the Franciscanism; the immigrant; the family as a topic of the Brazilian novel; and the essay stile.

KEYWORDS: essay; *Once Upon a Time in Rio*; Francisco Azevedo; family; pandemic.

O que escrevo são coisas contadas...
na época pestilenta da passada mortandade levada a cabo.

Giovanni Boccaccio

Durante os meses da pandemia de Covid-19, ao longo dos anos de 2020 e de 2021, procuro me manter o máximo possível em casa. Às vezes me equilibrando entre as tantas demandas de trabalho, sigo enormes períodos sem ver amigos próximos, familiares, pessoas queridas, conhecidos, um sorriso que seja... Sem falar na grande quantidade de óbitos que o Brasil poderia ter evitado nesse momento em que a Morte parece estar acima de tudo e de todos. Esse contexto vai criando em mim uma espécie de luto alongado, melancólico, que às vezes esquece suas motivações e se acostuma com o vazio sem fim. A distância da família, ao menos, é amenizada com a ideia da criação de um grupo de leitura em espaço digital, um pequeno ambiente de resistência. A proposta é reunir as pessoas uma vez por semana e saber como andam primos e tios. Nisso encontro algum conforto sem abraço, mas com a tela do computador servindo de alento e com o livro mediando nossas relações. O volume de páginas por semana, em geral, é baixo, não raro sendo mais uma desculpa para o encontro afetuoso do que a disciplina a ser cumprida. De todo modo, vou lendo aos poucos as

obras escolhidas pelo grupo, escolhas que muitas vezes não seguem minhas vontades individuais, a exemplo do que ocorre no livro discutido no presente ensaio. Anoto aqui e ali os meus apontamentos e, lentamente, esse texto vai sendo cozido. Ensaio é prato difícil de preparar. Contudo, intenciono levar adiante o texto, um pouco à maneira recomendada por um dos livros focalizados pelo grupo de leitura: *O arroz de Palma*, lançado em 2008 por Francisco Azevedo e lido, pouco a pouco, por dez pessoas durante dez semanas.

Na obra em questão, o narrador, Antônio, conta a história de sua vida e de sua família. Já com 88 anos, por vezes misturando as memórias passadas, a angústia da morte e os acontecimentos do momento, a personagem tece uma trama relativamente realista, descrevendo sob seu ângulo de observação diversas situações; no entanto, simultaneamente, a história é tensionada pela presença de um arroz que está com a família de Antônio há muito tempo, o que em certo sentido permite vislumbrar um realismo fantástico. O mencionado arroz é jogado quando a narrativa contada por Antônio se inicia, no dia 11 de julho de 1908, ocasião em que ocorre o casamento dos patriarcas José Custódio e Maria Romana, em Viana do Castelo, Norte de Portugal. O arroz, lançado aos montes sobre o casal, fica esparramado no adro da igreja, sendo

recolhido por Palma, tia de Antônio, uma pobre mulher que resolve dar o alimento como presente de matrimônio para seu irmão e sua cunhada. A partir do arroz de Palma, as histórias da família são narradas – suas brigas e festas, dificuldades e opulências. Os portugueses ligados a esse núcleo familiar, ademais, migram para o Brasil, em 1909, em busca de oportunidades; eles se fixam em Santo Antônio da União, no ano seguinte; cerca de uma década depois, nasce Antônio e, nos anos subsequentes, os seus irmãos. Já em 1941, o narrador migra para o Rio de Janeiro e começa a trabalhar como empregado na Confeitaria Colombo, mas o português ascende socialmente, chegando a ter seu próprio estabelecimento comercial e passando de proletário para burguês – ascensão social que recorrentemente marca o ponto de vista narrativo. Com o passar do tempo, Antônio se casa com Isabel e tem os filhos gêmeos Nuno e Rosário; a família segue crescendo e avançando, atravessando desavenças, traições, casamentos, nascimento de neto e muitas outras situações no decorrer dos anos brasileiros de 1900, mas também com passagens por Paris, em 1968, e por Nova Iorque, um tanto perto da queda do Muro de Berlim. E sempre há o arroz de Palma temperando a história familiar e o longo e breve século XX.

A família – elemento fundamental em *O arroz de Palma* e na leitura particular que fiz com pessoas queridas – é

também tópica recorrente no romance brasileiro, entendendo aqui a noção de tópica no sentido trabalhado por Ernest Robert Curtius em *Literatura europeia e Idade Média latina*. Desde suas origens na tradição nacional, o romance se interessa por situações domésticas, intrigas entre parentes, casamentos e ambientes como a sala e o quarto. José de Alencar muito se vale de situações assim, como se vê em obras feitas *Senhora* (Alencar, 1960), perpassada pela discussão sobre a entrada ou não de um homem no seio de uma família; já em *O guarani* (Alencar, 1630) isso acontece em relação à casa de Ceci, ao passo que *Iracema* (Alencar, 1960) resulta na construção dos elos entre a própria Iracema, Martin e Moacir. Machado de Assis também traz a família como um ponto estruturante de muitos romances. Essa tópica incide desde os primeiros, como *A mão e a luva* (Machado de Assis, 2008), voltado para a tensão acerca da escolha matrimonial, e *Helena* (Machado de Assis, 2008), dedicado a relações humanas complexas e que se dão em uma casa familiar. Na segunda fase da produção machadiana, lembro obras como *Dom Casmurro* (Machado de Assis, 2008) e o casarão da rua de Matacavalos, ou mesmo *Esau e Jacó* (Machado de Assis, 2008), dos irmãos Pedro e Paulo. Por sua vez, em *O cortiço* (2012), Aluísio Azevedo coloca vários modelos familiares em disputa, não apenas as lutas entre João Romão e Bertoleza, ou entre o cortiço de Romão e o sobrado

aristocrático, mas também se vê no livro diversos núcleos de pessoas que se aglomeram naquele ambiente repleto de atritos. Um pouco depois, o romance *A falência* (2018), de Júlia Lopes de Almeida, está preocupado com a construção de uma ruína empresarial e familiar. Muitas as ruínas domésticas, aliás, ocorrem durante o romance de 1930, sendo talvez o ciclo da cana-de-açúcar, de José Lins do Rego, a mais emblemática, de *Menino de engenho* (2006) a *Fogo morto* (2006). Sem falar nos interesses vistos nas relações pessoais de *S. Bernardo* (2005), interesses capazes de minar economicamente os elos familiares, bem como são simbólicos os desejos e as necessidades de migração de uma família, em *Vidas secas* (2006), ambos romances de Graciliano Ramos. Guimarães Rosa, no meio do redemoinho, também traz múltiplas histórias de famílias, como se vê em *Grande sertão: veredas* (2006), quando, nos caminhos entre Nonada e Travessia, causos e casas são visitados. Não se pode esquecer ainda um romance que no seu título já se observa a importância de o incluir nessa pequena lista: *Crônica da casa assassinada* (1999), texto a ser retomado mais adiante. Outro livro que merece menção é *Lavoura arcaica* (2002), de Raduan Nassar, obra enfeixada por conflitos familiares. Em Milton Hatoum, já no final dos anos 1980, *Relato de um certo oriente* (2004) é, em grande medida, ligado às memórias domésticas, ao passo que, na década seguinte,

Paulo Lins apresenta diversas famílias dilaceradas pela guerra do tráfico, em *Cidade de Deus* (2007). Para fechar esse pequeno catálogo, *O diário da queda* (2011), de Michel Laub, mescla traumas de algumas gerações de um mesmo núcleo familiar e aponta como esse tópico continua vivo no romance brasileiro, chegando até mesmo ao recente *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Júnior.

Longe de querer aqui esgotar o tema, vale notar que, nessa série literária acerca da presença da família, o narrador é configurado com certa diversidade de possibilidades. Além disso, aqui e ali, ao trazer a questão como uma tópica, o narrador por vezes reflete, exegeticamente, sobre esse elemento, postura que, em termos mais gerais e emblemáticos, lembra estruturas machadianas. No caso específico de *O arroz de Palma*, a reflexão acerca do tema família ganha alguma centralidade no livro e, ademais, ajuda a perceber a figuração do próprio narrador. A respeito do romance de Francisco Azevedo, vale pensar, ainda e sobretudo, no tom ensaístico que a narrativa acerca da família costuma assumir, para além da trama dos acontecimentos. Por exemplo, no primeiro capítulo, “Família é prato difícil de preparar”, enquanto se apresenta e dialoga com o leitor, enquanto diz suas memórias e desejos, o narrador também discute o conceito de “família” e aborda, metaforicamente, as dificuldades e as

particularidades de cozinhar esse “prato”. Cabe observar, com mais atenção, um trecho do capítulo:

Família é prato extremamente sensível. Tudo tem de ser muito bem pesado, muito bem medido. Outra coisa: é preciso ter boa mão, ser profissional. Principalmente na hora que se decide meter a colher. Saber meter a colher é verdadeira arte. Uma grande amiga minha desandou a receita de toda a família, só porque meteu a colher na hora errada.

O pior é que ainda tem gente que acredita na receita da família perfeita. Bobagem. Tudo ilusão. Não existe “Família à Oswaldo Aranha”, “Família à Rossini”, “Família à Belle Meunière” ou “Família ao Molho Pardo” – em que o sangue é fundamental para o preparo da iguaria. Família é afinidade, é “à Moda da Casa”. E cada casa gosta de preparar a família a seu jeito.

Há famílias doces. Outras, meio amargas. Outras, apimentadíssimas. Há também as que não têm gosto de nada – seriam assim um tipo de “Família Diet”, que você suporta só para manter a linha. Seja como for, família é prato que deve ser servido sempre quente, quentíssimo. Uma família fria é insuportável, impossível de se engolir (Azevedo, 2017, p. 12).

A citação ajuda, desde logo, a dimensionar o tom ensaístico que a fala do narrador assume nesse momento

do livro, em especial, e ao longo da narrativa, por conseguinte. A família – ou, ainda, o seu conceito – é comparada a um prato de comida e, a partir dessa associação estruturante, diversas outras noções vão sendo traçadas. Em tal alimento não se pode “meter a colher” de qualquer jeito, isto é, não pode se intrometer de qualquer modo em tal agrupamento de parentesco. Também não há modelo de família perfeito, como se ela pudesse ser uma receita invariável, uma fórmula a ser repetida todas as vezes, daí as referências, e as recusas, a grupos familiares que seguiriam, supostamente, estilos como “Oswaldo Aranha” (prato, não obstante um pouco variável, e que, regra geral, conta com um filé mignon, temperado com alho e acompanhamento de batatas, arroz, farofa e ovos). Para Antônio, família é “à Moda da Casa”, podendo cada um a temperar – preparar, ajustar, tratar, cuidar – ao seu estilo. Assim, há uma diversidade de famílias, a exemplo de doces e de amargas, de apimentadas e de sem gosto, tecendo ainda o narrador algumas de suas preferências: um prato saboroso e quente.

Essa forma um tanto mais livre de trabalhar um conceito – no caso, o de família –, uma definição, lembra um pouco um ensaio. Esse é um tipo de texto no qual se discutem ideias, em geral filosóficas, conceituais, utilizando caminhos de escrita menos inibidos, mais próximos da

arte, capazes de não abrir mão da dúvida e do raciocínio titubeante. O método ensaístico é, por assim dizer, menos metódico, mais aberto a um pensamento que se permite deambular, vagar pelas ideias sem objetivar uma finalidade específica, sem se preocupar tanto em chegar a uma conclusão pontual. É menos sistemático, é mais flexível. Talvez ensaisticamente próximo de Davi Arrigucci Jr. – a exemplo de *O guardador de segredos* (2010), *Outros achados e perdidos* (1999) e, especialmente, *Enigma e comentário* (1987) –, para compreender a noção de ensaio estou me valendo, entre outros, de *Notas de literatura* (2012), de Theodor Adorno; *Ensaaios de literatura ocidental* (2007) e *Mímesis* (2021), ambos de Eric Auerbach; *O eu nos Ensaaios de Montaigne* (2007), de Telma de Souza Birchall; *Limites da voz* (1993), de Luiz Costa Lima; *História do ceticismo* (2000), de Richard Popkin; e, com maior atenção, pontos incontornáveis estão, certamente, em *Os ensaios* (2002; 2006; 2011), de Michel de Montaigne, uma vez que essa obra, em certo sentido fundacional, dá ao gênero algumas dessas suas balizas principais, embora muito do que ali está sendo trabalhado dialogue com vasta tradição.

Montaigne, em seu gesto literário-filosófico, está, todavia, procurando se distanciar de certa visão de mundo anterior, isto é, mesmo que algo de cristianismo se possa ainda ver no autor da “Apologia a Raymond Sebond”, o

escritor tem a si mesmo como matéria de seu texto, como anuncia no prefácio “Ao leitor”, e, portanto, está rompendo com uma ontologia medieval interessada em colocar Deus no centro do debate. Nesse sentido, o ensaio – enquanto gênero, em termos mais amplos, e, em particular, as ponderações do narrador Antônio – é uma reflexão humana e não raro voltada para a condição humana, suas impermanências e dúvidas. Nas páginas de *O arroz de Palma*, por vezes a narrativa, a diegese, é suspendida para que o narrador teça algumas reflexões, realize a exegese, tal como se vê na citação retirada do capítulo “Família é prato difícil de preparar”, momento em que a família, essa questão elementar da condição humana, ganha o foco.

A obra de Francisco Azevedo, portanto, utiliza elementos do gênero ensaio. O modo deambulante de trabalhar conceitos, de discutir ideias, aproxima a fala de Antônio e uma tradição que possui em Michel de Montaigne um momento decisivo. No entanto, junto a esse traço, o narrador compõe a sua dicção também unida a outras nuances: mesclada à fala ensaística, conta a história de uma família, o livro corresponde a uma narrativa; entretanto, ao mesmo tempo, há presença dos gêneros lírico e dramático. Está certo que, no curso de tradições literárias, existem vários caminhos de respostas para a distinção dos gêneros. A organização tripartida, que estou usando

aqui, provavelmente começa em *A República* (2008), de Platão. No Livro III, é debatida a diferença entre a ficção poética organizada por imitações (dramático) e o estilo oposto, em que um “eu” é o único a falar (lírico). A partir da combinação de ambos, oscilando entre as falas das personagens e a fala do narrador, está o gênero narrativo. Assim, em *O arroz de Palma*, é perceptível um texto narrativo sendo tramado e, ali, o narrador, Antônio, conta a história em primeira pessoa; dessa maneira, é conformada uma tendência lírica, dando expressão a um “eu” que organiza em incerta medida todo o caso contado. Não obstante, por vezes Antônio encena, imita as vozes de outras personagens, pessoas da sua família e da sua memória (deixando no texto marca de dramático, teatral). Se penso a partir dos debates teóricos encontrados em *O teatro épico* (2004), de Anatol Rosenfeld, cabe dizer que no romance de Francisco Azevedo é desenvolvida uma narrativa lírico-dramática, ou seja, um texto substantivamente narrativo no qual incidem, adjetivamente, nuances poéticas e teatrais – sem perder de vista o ensaísmo entremeado a essas particularidades.

O estilo ensaístico meio deambulante do narrador também é, em certo viés, humilde. Segue menos ou mais próximo de um *sermo humilis*, no sentido proposto por Erich Auerbach nos ensaios “*Sacrae scripturae sermo humilis*” e

“*Sermo humilis*”. Por exemplo, o vocabulário selecionado por Francisco Azevedo é de fácil compreensão, não exige visitas ao dicionário. Sem falar em como se repete o termo “humildade” ao correr das páginas. Além disso, no livro as frases são claras, com grande tendência a serem organizadas na ordem direta, seguindo uma estrutura de sujeito-verbo-objeto. Não costuma haver figuras de linguagem feito hipérbatos, inversões frasais. A história anda com elegância relativamente fácil de praticar. Evita conectivos muito complexos, preferindo coesões que lembrem o discurso oral. O texto é elaborado em estilo simples, popular, humilde. Demonstra algum gosto por trabalhar imagens menos sofisticadas, preferindo certos elementos do cotidiano. Não por acaso o arroz está no título do livro. Isso talvez explique um pouco os motivos de a obra ter virado best-seller. Ao mesmo tempo, e através dessa linguagem modesta, o narrador aborda temas complexos, ontológicos, refletindo sobre questões como a existência e a suposta natureza do Deus cristão, seguindo por vias em incerto sentido titubeantes e com a fala humilde. Assim, o estilo simples e ensaístico guarda algum mistério.

Um dos mistérios presente na narrativa é a ideia de “terreníssima trindade”, cabendo destaque para a noção de “terreníssima”, termo que exagera a dimensão terrena,

que foge, em certo grau, do traço santíssimo e que retoma a preocupação humana fundamental para alcançar a dicção ensaística – a lembrar Michel de Montaigne – tão estruturante na construção do romance. A “terreníssima trindade” é mencionada tanto no começo quanto no final da obra, criando, ademais, na fala do narrador, uma espécie de pericorese. Antônio, além disso, afirma ser passado, presente e futuro – três & um. Esse modo de organizar a subjetividade do narrador leva adiante, na proposta individual de Francisco Azevedo, uma tradição que remonta a cânones não apenas cristãos, mas que, no legado menos ou mais literário do Cristianismo, está presente em diversos momentos. No centro textual da questão está a *Bíblia* – compreendida por Northrop Frye, em *O código dos códigos* (2004), como um livro literário. A obra sacra possui muitas passagens acerca do tema trinitário e constrói, de acordo com determinada exegese, uma ideia de que Deus é uno e trino: Pai, Filho e Espírito Santo. A compreensão de Deus como sendo uma Trindade pode ser observada, ao longo do tempo, no tratado *A trindade* (2014), de Santo Agostinho, no qual se vê as três pessoas como sendo independentes em suas diferenças e iguais em sua unidade. A questão é também levada adiante por escritores como Dante Alighieri, que, em sua *Divina Comédia* (2005), constrói diversas estruturas ternárias no percurso de três personagens pelo Inferno, pelo Purgatório e pelo Paraíso.

No Brasil, Guimarães Rosa é outro a narrar se valendo de recursos trinitários, como se nota, por exemplo, em *Corpo de baile* (1960), obra que já recebeu, até mesmo, uma organização editorial em três volumes que são independentes em suas diferenças e reunidos em obra única. Assim, por seu turno, *O arroz de Palma* segue, com a escrita humilde e ensaística, elaborando um narrador que de alguma forma procura entrar nesse legado trinitário. Com a fala simples e propondo uma trindade que seja “terreníssima”, e não “Santíssima”, na narrativa ensaística de Antônio há uma forte angústia da influência cristã, reelaborada em uma trama de temporalidades que se cruzam e estão unificadas.

Para além dessa perspectiva ontológica, por assim dizer, mais geral, e voltando para a ideia de humildade, essa questão também se faz presente em alusões observáveis no romance, tais como nos elementos franciscanos que marcam o livro. Digo franciscanos não exatamente porque o autor é Francisco Azevedo, mas em razão de *O arroz de Palma* contar com diversos dados importantes para uma espécie de cultura vinculada a São Francisco de Assis e seu legado. A humildade é certamente um dos traços mais notáveis desse santo que viveu na Itália entre os séculos XII e XIII, uma ideia que impregna sua vida religiosa e pode ser vista em boa parte de seus “Escritos” (cf. *Fontes*

Franciscanas e Clarianas, 2014) e de relatos existentes sobre a vida do fundador da Ordem dos Frades Menores. No entanto, se a história de Francisco Azevedo aborda a migração de portugueses e não de italianos, vale recordar que, em Portugal, um dos maiores seguidores de São Francisco é Santo Antônio, e Antônio é também o nome do narrador da obra aqui discutida. Esse narrador, para se ter uma breve noção, chega a fazer frases assim: “Vejo poesia nesta pobreza específica, me aconchego neste desconforto franciscano” (Azevedo, 2017, p. 73). Como se nota, a sentença não deixa muita dúvida sobre as ideias de São Francisco marcarem a poética de *O arroz de Palma*, a sua pobreza feita de linguagem ensaística.

Antônio, por sinal, está aos poucos perdendo a sua memória. A idade vai dificultando as lembranças desse senhor de 88 anos, dando nuances próprias ao seu modo de lidar com as recordações. Ele costuma incluir em sua narrativa principalmente as memórias antigas, ao invés das lembranças recentes. E ele salienta: “Esta perda de memória, para mim, é lição de humildade” (Azevedo, 2017, p. 81). No seu modo meio esquecido de contar a história, Antônio lida com o seu corpo em declínio e, na sua maneira de tramar a narrativa, faz uso de recursos também muito orais, recursos esses que, analogamente, vão perdendo espaço no mundo contemporâneo. Não apenas porque fica recordando

as falas de outras pessoas, imitando, dramaticamente, na memória o que (não) recorda dos outros sujeitos da trama. No seu *sermo humilis* desmemoriado, existe ainda um pouco daquela arte de narrar que, segundo Walter Benjamin, está em vias de extinção, em vias de esquecimento. Antônio procura apresentar a sua faculdade de articular experiências de vida. Conta a história como quem conhece um pouco o mundo e ensina sobre ele de boca em boca. Seguindo aqui próximo das considerações benjaminianas vistas em “O narrador” (1994), observo que o próprio narrador de *O arroz de Palma* possui um tanto do imaginário ligado ao migrante, alguém capaz de associar saberes de terras distantes, acumulados ao longo de seu passado, e saberes de quem viaja, de quem tem muito para falar. Um pouco camponês sedentário, um pouco marinho comerciante, Antônio é um imigrante que sabe dar conselhos, exerce a sua sabedoria humildemente. Faz uma narrativa ensaística que não é vinculada apenas ao registro do livro, ao conhecimento desenvolvido por um escritor isolado; o narrador que está perdendo a memória também se vale das experiências comunicáveis oralmente, feito uma roda de conversa, uma contação de causo – esses gêneros narrativos mais ou menos esquecidos.

Mesmo com esquecimentos, Antônio é o guardião de uma memória. Possui um cérebro pouco mais ou menos

de arconte; ele é um arquivo vivo a controlar a história. Todavia, embora se coloque como Trindade, não é um narrador onisciente, capaz de saber de tudo e de todos; é trindade, mas terreníssima. Já está distante da figuração um tanto ontológica dos narradores como os notados em *Senhora*, de José de Alencar. Está mais próximo de um narrador como o de *O Ateneu* (2015), de Raul Pompeia, colocando a memória em um ponto privilegiado da organização da narrativa, tecendo uma crônica de saudades. Ou mesmo lembrando *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; não por acaso, em certa medida, silencia, assim como Bento Santiago, a fala de sua Capitu – o tema do adultério em ambos os livros não ganha a versão feminina dos fatos. Vale observar, inclusive, que *O arroz de Palma* parece distante de estruturas capazes de dar ao leitor arquivos, por assim dizer, materiais, não utiliza tão explicitamente diversos pontos de vista sobre a história familiar contada, como se nota, por exemplo, em *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso. O que se tem é sim a fala e a memória de Antônio. A fala um tanto autoritária do próprio narrador-ensaísta.

Gostaria de voltar aqui, nesta onversa ensaisticamente titubeante, para o tema de um parágrafo antes: a condição de imigrante – assunto muito caro ao livro do ex-diplomata Francisco Azevedo. Além da capacidade do

narrador de aproximar saberes da sua terra e saberes de sua viagem, Antônio permanece se reconhecendo como imigrante ao longo das páginas de *O arroz de Palma*. Nesse sentido, hospedo aqui também um pouco das reflexões de Jacques Derrida presentes, sobretudo, em *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade* (2003). Entendo como estrangeiro um cidadão que vem de fora, é exógeno; um cidadão que, ao menos em um primeiro momento, é reconhecido, em alguma medida, como não pertencente à família ou à nação que o recusa e/ou acolhe. A partir desse reconhecimento do outro como um sinal de diferença, o hospedeiro e o estrangeiro passam a ser negociantes de seus distanciamentos e de suas aproximações. Passam, por meios diversos, a desenvolver limites de afastamento e/ou de envolvimento. São construídas, em medidas variadas, a aceitação ou a recusa do outro em relação ao grupo, bem como é construído o próprio grupo como um diferente do outro, do exógeno, do estrangeiro. Em *O arroz de Palma*, no entanto, e muito em função de uma escrita não raro apaziguadora, talvez franciscanamente preferindo a paz à guerra, o olhar sobre o imigrante e o olhar do próprio imigrante ganham leveza. Ainda que ao correr dos capítulos apareçam atritos familiares e indicações sobre como é ser um imigrante português no Brasil do século XX, a fala do narrador, com a liberdade de um ensaísta que deambula, vai cozinhando

aos poucos os pratos difíceis e os conflitos interpessoais seguem recebendo caldas adocicadas.

Em diversos momentos, o livro lida com questões atinentes ao campo da ética. Não apenas por suas escolhas por um estilo humilde, tensionada por um desejo de ser trindade, mas também por abordar temas que exigem alguma reflexão exegética acerca do como agir, a exemplo das interações com o imigrante. No que diz respeito à ética, em termos mais explicitamente ligados ao debate filosófico, no começo do capítulo “Extremos”, de nome emblemático, há um debate acerca da ideia aristotélica de meio termo, chegando mesmo a utilizar essa expressão vista, entre diversos textos, na *Ética a Nicômaco* (2008 e 2017). Em outros momentos, Antônio, o narrador nascido em Portugal, perpassa questões como o preconceito linguístico, ao discutir o nome do Pão de Açúcar, tratando como apenas poética a opção pelo idioma lusitano, amenizando a trama política existente na hora de ser dado um nome português a um espaço urbano do Novo Mundo. Também dentro de um contexto ético-político, por assim dizer, problemático, há ainda o episódio em que o narrador remeda Nuno que, por sua vez, “remeda voz de mulher negra da roça” (Azevedo, 2017, p. 286). Já no capítulo “Inesperado encontro”, aquele que antecede “Extremos”, o adultério de Antônio é apresentado pelo ponto

de vista masculino do narrador, merecendo discussão o relativo apagamento sofrido por Amália. Como já dito, feito Capitu, a personagem feminina de Francisco Azevedo está sob a trama discursiva desenvolvida pelo ponto de vista masculino. E mais no final da narrativa, não faltam mais polêmicas na história articulada por Antônio. Momento decisivo para tanto é, por exemplo, o capítulo “Nuno 1968”. O filho do protagonista, em sintonia com os acontecimentos marcantes ocorridos na capital francesa durante os protestos de maio de 1968, conta para seu pai, entre outras confissões, suas relações homoafetivas. A reação paterna é, a princípio, bastante homofóbica e, na construção da narrativa, o episódio é cheio de não ditos, silenciamentos, caminhando para uma pacificação das desavenças. Em momento relativamente proporcional da trama, a irmã de Nuno, Rosário, conhece um militar que trabalha no Dops, e o livro diz pouco sobre as atrocidades cometidas durante a Ditadura no próprio Departamento de Ordem e Política Social, sugerindo com amenidade os horrores, ao invés de dar ênfase aos problemas.

Nessas situações, é adequado observar que, em *O arroz de Palma*, o discurso um tanto autoritário e conservador de Antônio sobre a sua própria família, por vezes, procura ter o controle da situação, tratando as múltiplas questões de maneira a acalmar os conflitos éticos e políticos que

atravessam o ambiente doméstico, evitando posturas que sejam mais liberais. O protagonista conta de modos relativamente leves os conflitos muito densos. Através de sua narrativa lírico-dramática, Antônio possui o controle do discurso, escolhendo a quem e como dar voz. O seu estilo ensaístico permite uma fala repleta de desvios, interessada em mostrar as situações por vias convenientes para a sua própria personalidade. O narrador, imigrante português, possui uma narrativa também imigrante, deambulante e, feito um camponês sedentário, conta o que acontece no seu quintal, na sua família, mas, feito um viajante, escolhe as rotas que lhe são adequadas. A trama, assim, ganha um contorno que tende a uma espécie de suposta pacificação cristã e franciscana. Uma fala em estilo humilde e de certo modo empenhada a serenar as desavenças, que por vezes causando apagamentos muito problemáticos. Há uma hipotética paz familiar sendo privilegiada. Ao abordar a família, *O arroz de Palma* leva adiante uma tradição cara ao romance brasileiro e o faz por meio de um estilo bastante ensaístico, interessado em conceituar família e, por vezes, a tornando um prato mais harmônico do que parece de fato ser.

Além de tópico literário, a relação entre família e livro foi para mim uma alternativa de convívio durante a Pandemia de Covid-19. Um modo de ter presentes tios e

primos, de seguirmos com o papo informal, e, em alguns momentos, também um modo de sermos atravessado por embates contemporâneos, dilacerando pontos de vista agudos, mas procurando dialogar sobre os problemas políticos. Espero aqui ter reunido, ensaisticamente, um pouco do que conversamos ao longo do tempo. Não pretendo, com esse texto menor, esgotar tudo o que foi partilhado durante a leitura coletiva de *O arroz de Palma*; tampouco desejo em minha fala breve fechar qualquer tema aqui abordado, posto que o romance em questão pode ganhar várias outras leituras. Nem mesmo intenciono representar nesse ensaio a visão de mundo de toda a minha família, no próprio gênero ensaio há em certo sentido uma dimensão individual da fala. Lemos juntos o livro, porém é um pouco da minha leitura o que desenho nessas páginas que, a seus modos, harmonizam visões de mundo díspares, por vezes sensivelmente dolorosas. Ensaio é prato difícil de preparar – e, entre 2020 e 2021, procurei, na cozinha de casa, deixar a panela na trempe esquerda do fogão.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. **Notas de literatura I**. 2. ed. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo, SP: Duas Cidades; Editora 34, 2012. (Coleção Espírito Crítico).

ALENCAR, J. de. **Obra completa**: quatro volumes. Rio de Janeiro, RJ: José Aguilar, 1958-1960.

ALIGHIERI, D. **Divina Comédia**: edição bilíngue: italiano/português. Introdução, tradução e notas de Vasco Graça Moura. São Paulo, SP: Landmark, 2005.

ALMEIDA, J. L. **A falência**. Apresentação de Regina Zilberman. Campinas, SP: Unicamp, 2018.

ARISTÓTELES. **Aristóteles**: tratado da virtude moral; Ethica Nicomachea I 13 – III 8. Introdução, tradução e comentários de Marco Zingano. São Paulo, SP: Odysseus, 2008.

ARISTÓTELES. Ética a **Nicômaco**. 2. ed. rev. e atual. Tradução de Antônio de Castro Caeiro. São Paulo, SP: Forense, 2017. (Coleção Fora de série).

ARRIGUCCI JR., D. **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1987.

ARRIGUCCI JR., D. **O guardador de segredos**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

ARRIGUCCI JR., D. **Outros achados e perdidos**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1999.

AUERBACH, E. **Ensaio de literatura ocidental**. Organização de Davi Arrigucci Jr. e Samuel Titan Jr. Tradução de Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo, SP: Duas Cidades; Ed. 34, 2007. (Coleção Espírito Crítico).

AUERBACH, E. **Mímesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. Tradução de George Bernard Sperber, Equipe Perspectiva; revisão da tradução e tradução do apêndice de Rainer Patriota; apresentação de Manuel da Costa Pinto; introdução de Edward Said. 7. ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Perspectiva, 2021.

AZEVEDO, A. **O cortiço**. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2012.

AZEVEDO, F. **O arroz de Palma**: edição comemorativa. 18. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2017.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, volume 1).

BÍBLIA de Jerusalém. 6. ed. São Paulo, SP: Paulinas, 2010.

BIRCHAL, T. de S. **O eu nos Ensaios de Montaigne**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2007.

BOCCACCIO, G. **Decamerão**. Tradução de Raul de Polillo. Introdução de Edoardo Bizzarri. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 2002.

CARDOSO, L. **Crônica da casa assassinada**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1999.

COSTA LIMA, L. **Limites da voz**: Montaigne, Schlegel. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1993.

CURTIUS, E. R. **Literatura europeia e Idade Média latina**. Tradução de Teodoro Cabral (com colaboração de Paulo Rónai). São Paulo: EdUSP, 2013.

DERRIDA, J. **Anne Dofourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. Tradução de Antonio Romane. São Paulo, SP: Escuta, 2003.

FONTES Franciscanas e Clarianas. Apresentação de Frei Sérgio M. Dal Moro OFMCap. Introdução de Frei Ary Estevão Pintarelli OFM; Frei José Carlos Correa Pedroso OFMCap; Frei Celso Márcio Teixeira OFM. Petrópolis, RJ: Vozes e Família Franciscana do Brasil, 2014.

FRYE, N. **Código dos códigos**: a Bíblia e a literatura. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo, SP: Boitempo, 2004.

HATOUM, M. **Relato de um certo oriente**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

LAUB, M. **O diário da queda**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011.

LINS, P. **Cidade de Deus**: edição comemorativa – 10 anos (1997-2007). 2. ed. Ensaios de Roberto Schwarz, Vilma Arêas e Eduardo de Assis Duarte. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007.

MACHADO DE ASSIS, J. M. **Obra completa em quatro volumes**: edição anotada. Organização de Aloizio Leite Neto, Ana Lima Cecílio, Heloisa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Aguilar, 2008.

MONTAIGNE, M. **Os ensaios**: livro I. 2. ed. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2002. (Coleção Paidéia).

MONTAIGNE, M. **Os Ensaios**: livro II. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.

MONTAIGNE, M. **Os Ensaios**: livro III. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

NASSAR, R. **Lavoura arcaica**. 3. ed. São Paulo, SP: Schwarcz, 2002.

PLATÃO. **A República**. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

POMPEIA, R. **O Ateneu**: crônica de saudades. Edição comentada e ilustrada. Apresentação de Ivan Marques. Notas de Aluizio Leite. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2015.

POPKIN, R. **História do Ceticismo**: de Erasmo a Spinoza. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 2000.

RAMOS, G. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2005.

RAMOS, G. **Vidas secas**. 99. ed. Posfácio de Marilene Felinto. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2006.

REGO, J. L. do. **Ficção completa em dois volumes**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Aguilar, 2006.

ROSA, J. G. **Corpo de baile**: sete novelas. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 1960.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2006.

ROSENFELD, A. **O teatro épico**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2004. (Coleção Debates).

SANTO AGOSTINHO. **A trindade**. 7. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2014.

VIEIRA JÚNIOR, I. **Torto arado**. São Paulo, SP: Todavia, 2019.

Recebido em: 06/10/2022
Aceito em: 23/06/2023